

SEMANÁRIO

ECCLESIA

25 de setembro de 2014 | n.º 1447 | Este número: 3€

CARIDADE, JUSTIÇA E SOLIDARIEDADE: CONSCIÊNCIAS E PRÁTICAS

Tradições religiosas
Dinâmicas e personalidades
O presente que contém o futuro



Edição:

Agência Ecclesia do Secretariado Nacional
das Comunicações Sociais da Conferência Episcopal Portuguesa

Coordenação científica:

Centro de Estudos de História Religiosa
da Faculdade de Teologia da Universidade Católica Portuguesa

SEMANÁRIO
ECCLESIA



UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA | CENTRO DE ESTUDOS DE HISTÓRIA RELIGIOSA

Apóios:

Santa Casa da Misericórdia de Lisboa

Montepio

Cáritas Portuguesa

Irmandade dos Clérigos



SEMANÁRIO
ECCLESIA

EDIÇÃO ESPECIAL N.º 1447
25 DE SETEMBRO DE 2014



Propriedade:

Secretariado Nacional das
Comunicações Sociais
(Conferência Episcopal Portuguesa)
Diretor: João Aguiar Campos

Edição:

Agência Ecclesia
N.º de Registo: 109665
Diretor: Paulo Rocha
Chefe de redação: Octávio Carmo
Redação: Carlos Borges,
José Carlos Patrício, Henrique Matos,
Lígia Silveira, Luís Costa,
Luís Filipe Santos, Manuel Costa,
Sónia Neves, Tiago Azevedo Mendes,
Tiago Cristóvão

Coordenação Científica:

Centro de Estudos
de História Religiosa da
Universidade Católica Portuguesa

Coordenadores:

António Matos Ferreira
Paulo Alexandre Alves
Sérgio Ribeiro Pinto

Colaboradores:

André de Campos Silva
António Matos Ferreira
Carimo Mohamed
Domingos Vieira
Filomena Andrade
Francisco João Osswald do Amaral
Helena Ribeiro de Castro
Inês Rodrigues
João Coelho Azevedo
Luís Carlos Amaral
Maria C. Fernandes
Paulo Alexandre Alves
Pedro Lage Reis Correia
Timóteo Cavaco

Projeto gráfico, paginação e produção:

Dupladesign

Secretaria:

Ana Gomes

Redação e Administração:

Quinta do Cabeço, Porta D
1885-076 MOSCAVIDE
Tel.: (+351) 218 855 472
Fax: (+351) 218 855 473


Tiragem: 8000 exemplares / Depósito Legal n.º 104002/96

agencia@ecclesia.pt

www.agencia.ecclesia.pt

O Padre Américo e a Obra da Rua: a santidade como atitude social pedagógica

Luís Carlos Amaral // Doutor em História / Docente na Faculdade de Letras da Universidade do Porto

«  melhor da vida do santo, nunca aparece na *vida* que os autores escrevem. Não vem. O melhor fica dentro deles» (Américo 1974, p. 202). Padre Américo escreveu estas palavras no momento em que encetava a leitura de uma biografia do Padre Damião de Veuster (1840-1889), o Santo de Molokai apóstolo dos leprosos, que viria a ser canonizado por Bento XVI a 11 de outubro de 2009. Sabia bem do que estava a falar. Sabia sobretudo que nenhuma palavra conseguiriam jamais expressar, com rigor, o turbilhão de sentimentos que o atravessava desde que, também ele, se deixara possuir pela «loucura da cruz» tão cara a S. Paulo (Cf. 1Cor 1,17-31). Não é difícil imaginar que se sentisse inspirado e fortalecido pela personagem e pela ação do religioso belga, pela sua entrega total e incondicional, até ao limite de se confundir integralmente com aqueles que aceitara amar e servir. Na longínqua e remota ilha que adotou como pátria, e sempre que falava do altar, Padre Damião dirigia-se à sua peculiar assembleia dizendo: «Nós, os leprosos». Expressava desta forma o desejo de uma comunhão plena com aqueles desvalidos seres humanos, a vontade de ser como eles e de sofrer com eles.

Legitimamente podemos reivindicar um horizonte semelhante para o Padre Américo e, por isso, os

seus frequentes *clamores* e *exigências* face ao Estado, à Igreja e à sociedade poderiam muito bem ter começado por «Nós, os pobres», «Nós, os doentes», «Nós, os gaiatos». O amor que prodigalizou ao longo da sua existência, em particular depois da famosa e derradeira «martelada»¹, não se alimentava de encontros casuais e, menos ainda, de feitos excepcionais. Vivificava-se pela assiduidade e perseverança com que desenvolvia a sua ação, que, invariavelmente, espelha a vida de todos os dias, as rotinas domésticas, as pequenas e grandes alegrias e angústias de que é feito o quotidiano.

Américo Monteiro de Aguiar nasceu no dia 23 de outubro de 1887, na Casa do Bairro, situada no lugar do mesmo nome da freguesia de S. Salvador de Galegos, do concelho de Penafiel (Loureiro 1979, p. 31-65; Mendes 1995; Martins 2005). Batizado no dia 4 do mês seguinte, era o mais novo de oito irmãos de uma família de lavradores com algumas posses. Tanto quanto asseveram os seus biógrafos, viveu uma infância tranquila e feliz, em tudo idêntica à de muitas outras crianças dos meios rurais do Entre-Douro-

1. A propósito das famosas «marteladas» a que tantas vezes se referiu Padre Américo, veja-se, por todos, Ernesto Candeias Martins - *Padre Américo: o Destino de uma Vida (Biografia, obra e ação social)*. 2ª Edição. Coimbra/Castelo Branco: Alma Azul, 2005, em especial p. 51-75.



Cortesía da Obra da Rua ou Obra do Padre Américo

O Padre Américo em cima, à esquerda, acompanhado de alguns gaiatos e de um clérigo.

-e-Minho nos finais de Oitocentos. Terminando em 1902 o ensino secundário no Colégio de Santa Quitéria, em Felgueiras, gerido pelos padres lazaristas, o jovem Américo rumou à cidade do Porto, onde se empregou como marçano numa casa de ferragens na rua Mouzinho da Silveira, bem no centro da velha urbe.

Por essa altura já se manifestara no seu íntimo o forte desejo de seguir a vida eclesiástica, algo muito acalentado por sua mãe e pelo seu irmão mais velho, José, ele próprio sacerdote. A vontade paterna, contudo, acabará por se impor e a eventual vocação teve de aguardar por tempos mais favoráveis. Foi nesta época do Porto que Américo, frequentando com regularidade a igreja de S. Lourenço do antigo colégio dos jesuítas, conheceu e contactou com o então cônego Dr. Manuel Luís Coelho da Silva, que viria a ser designado anos depois bispo de Coimbra (1915-1936), sendo ele o prelado responsável pela admissão de Américo no Seminário Maior daquela diocese, em 1925.

A estadia portuense acabou por não durar muito tempo, pois, nos finais de 1906, Américo embarcou para a longínqua colónia de Moçambique. Aí permaneceu quase duas décadas, que se revelaram determinantes no seu desenvolvimento como homem adulto e na sua formação como cidadão consciente do mundo que o rodeava. Cerca de 1914, em terras da Beira, relacionou-se com o padre franciscano missionário Rafael Maria da Assunção, nomeado mais tarde bispo titular de Augusta (1920-1935) e, em seguida, de Cabo Verde (1935-1940), personalidade fundamental nos passos decisivos de Américo rumo ao sacerdócio.

Como quer que seja, a grande decisão que Américo tomou, de abraçar a vida sacerdotal e que viria a revolucionar completamente a sua vida – e a de uma parte considerável da sociedade portuguesa do seu tempo –, acabou por acontecer apenas em 1923, quando contava já 36 anos de idade. Por muito

subjetiva que possa ser a apreciação das razões ponderosas que sustentaram essa decisão, a verdade é que, consciente ou inconscientemente, ela amadurecera ao longo dos anos, nutrindo-se de muita reflexão, experiência e, sobretudo, fé. Isto mesmo acabou por reconhecer mais tarde quando, referindo-se aos tempos da sua *conversão*, afirmou: «Eu era um perseguido da Graça. Sentia-me tocado. Algo de diferente invadia o meu ser. Era uma dor que ao mesmo tempo que me pungia também me dava paz. Começou então a luta. O homem e a Graça. Esta havia de vencer, sim, mas até aí, quanta dor, meu Deus!» (Elias 1958, p. 366-367).

Chegara finalmente o momento de concretizar a sua vocação sacerdotal, objetivo que, como vimos, procurara desde muito jovem. A primeira experiência da renovada caminhada, muito influenciada pelo modelo espiritual e pelo exemplo de vida do Pobre de Assis, materializou-se no convento de S. Francisco de Vilariño da Ramallosa (então Colégio Será-

fico da Província Franciscana Portuguesa), da Ordem dos Frades Menores, situado não muito longe da cidade galega de Tui. Aí viveu entre os finais de 1923 e meados de 1925. Seja como for, a saída do convento e a inadaptação àquele estilo de vida comunitária e aos formalismos da regra não fizeram esmorecer em Américo a sua vontade e o seu sonho e, por isso, após uma tentativa falhada de admissão ao Seminário Maior do Porto, acabou por entrar no de Coimbra como aluno interno, no dia 3 de outubro de 1925. Ordenado presbítero quatro anos depois, em 28 de julho de 1929, não demorou muito a encontrar e a acertar definitivamente o seu rumo.

A realidade social impunha-se-lhe em toda a sua crueza – desumana crueza –, atraindo-o de forma irresistível e convocando-o a agir. Do mesmo modo que não se adaptara ao quotidiano conventual, também não era homem talhado para viver entre as paredes de um seminário. Enquanto seminarista participara já ativamente na organização das colónias de



Cortesia da Obra da Rua ou Obra do Padre Américo

O Padre Américo, com D. Manuel Gonçalves Cerejeira.

férias para crianças, em Buarcos. Desta forma, quer pela sua idade, quer pelo tempo longo de maturação religiosa que experimentara, não podia aguardar mais. Tinha plena consciência da sua transformação, sentia bem quanto se deixara transformar e não ignorava também que chegara o momento de transformar o mundo à sua volta. Tal como o apóstolo Tiago, deveria perguntar a si próprio, no mais íntimo da sua alma: de que aproveitaria que se dissesse que era um homem de fé, se não tivesse obras de fé (Cf. Tg 2,14)? O texto da carta apostólica não lhe deixava sequer grande espaço para outras interpretações: «Assim como o corpo sem alma está morto, assim também a fé sem obras está morta» (Tg 2,26).

Em todo o caso possuía já ideias bem definidas sobre a missão da Igreja e acerca do sacerdócio. Respondendo certo dia a um jovem pároco da região da Guarda, escreveu:

«A Igreja de Cristo não pode quedar. Ela é ação por natureza. Não podemos viver dos feitos dos primeiros Apóstolos; temos de fazer como eles fizeram. Sair para a rua. Conquistar. Dar a mão às algemas. Lutar. (...) Sim, meu bom colega. Como muito bem diz, “é necessário que nós, os padres, compreendamos”. Gosto deste plural. Aceito e digo mais: “É necessário que os Seminários compreendam”. (...) Em vez de sermos preparados para ganhar, havíamos mas é de ser preparados para *perder* a vida. A primeira noção é justa, é sã, é humana, sim. A segunda é divina. É a vocação sacerdotal. Vocação plena» (Américo 1974, p. 192-193).

A depuração destas palavras – como a da esmagadora maioria dos textos que escreveu – traz um raciocínio lúcido, estruturado e assertivo, apresentando sempre grande simplicidade, especialmente vocacionada para uma funcionalidade imediata. O seu pensamento não se estribava em fundamentos

A revelação absoluta em toda a sua desumanidade do que eram os pobres e a pobreza, fizeram-no descobrir e alcançar em definitivo aquilo que não duvidava ser o destino a que Deus o chamara e para o qual fora dotado com abundância de talentos.

ou numa argumentação de índole filosófica, política ou social, mas única e exclusivamente nas verdades e nos valores do Evangelho, aclarados pelas realidades e exigências da sua época. Este horizonte religioso e moral – o mesmo é dizer, a catolicidade do seu Cristianismo – proporcionava-lhe segurança, confortava-o e escorava firmemente os seus pés na terra, facultava-lhe certezas e permitia-lhe não duvidar do que era nuclear e fundamental na fé, não obstante as suas limitações humanas. Nesta perspetiva, e como outros assinalaram antes (Colom Cañellas 2004, p. 17-18), o que movia Padre Américo, aquilo que julgamos alimentar mais a sua permanente demanda, não era propriamente a busca da Verdade; essa já a encontrara no Cristo dos evangelhos e no Jesus dos excluídos. O que realmente procurava e tentava diariamente no seu relacionamento com os outros era a demonstração dessa Verdade, a sua evidência. Daí a urgência em agir e realizar que parece pressioná-lo ao longo de toda a vida.

No momento em que Padre Américo foi ordenado sacerdote, Portugal conhecia os primeiros anos de implantação de um novo regime político, o Estado Novo (1926), movimento com o qual se procurou estancar e superar os graves problemas vividos no decurso da Primeira República (1910-1926). Pesadamente rural e analfabeta e com um processo de industrialização limitado e frágil, a nação portuguesa espelhava então fortíssimas desigualdades sociais, económicas e culturais e não menores clivagens políticas. Os baixos salários e o elevado desemprego contribuíam para um cenário de pobreza generalizada e mesmo de miséria, que afetava uma percentagem muito considerável da população. Acresce a tudo isto a quase inexistência de uma política social, facto agravado ainda mais pelo contexto ideológico dominante, propenso a considerar as questões sociais como matéria de desestabilização e de enfrentamento com os poderosos vigentes.



Foi com uma excelente amostra deste universo que Padre Américo pôde conviver, na cidade de Coimbra, quando começou a percorrer as ruas e vielas da Baixa e entrou em contacto direto e assíduo com as condições deploráveis em que se esforçavam por viver tantos seres humanos, constatando rapidamente quanto a degradação era também moral e espiritual. A revelação absoluta em toda a sua desumanidade do que eram os pobres e a pobreza, fizeram-no descobrir e alcançar em definitivo aquilo que não duvidava ser o destino a que Deus o chamara e para o qual fora dotado com abundância de talentos. A partir desse momento nem um só minuto da sua

vida seria dedicado a outro objetivo que não o de amar os pobres e combater a pobreza em todas as suas manifestações:

«Pobre com letra maiúscula, sentido absoluto que abrange a legião dos Famintos e dos Escorraçados, por amor de quem tenho feito sangue nos pés e desejaria dar todo o das veias para melhor os servir e mais perfeitamente os amar. [...] O Pobre é coisa tão santa, e tão divina a missão de o servir, que unicamente sabe o que diz quem for pobre ou servo deles; as experiências não se transmitem» (Américo 1986, p. XIII).

À imagem de S. Francisco de Assis (1181/1182-1226), de S. João de Deus (1495-1550), de S. Vicente de Paulo (1581-1660) e sempre com os olhos postos na centralidade de Jesus, Padre Américo iniciou o seu apostolado – verdadeiro e inovador apostolado social –, no momento em que assumiu a direção da *Sopa dos Pobres*, inaugurada em Coimbra pelo bispo D. Manuel Luís Coelho da Silva, em 19 de março de 1932. A envergadura da tarefa não o impediu de se entregar a muitos outros serviços, que abraçou empenhadamente. Foram as visitas domiciliárias, as idas aos hospitais e às prisões, a assistência religiosa na Tutoria Central da Infância de Coimbra e as colónias de férias para as crianças desfavorecidas da Baixa coimbrã, iniciadas no verão de 1935, tudo, na sua diversidade, apresentando um forte denominador comum, os pobres e o seu mundo. As crianças e os jovens em particular tocavam-no profundamente, porque entendia como mais gravosas as privações e injustiças que eram obrigados a suportar. A sua experiência permitira-lhe compreender muitas das causas e das circunstâncias que geravam semelhante calamidade e perceber que a desestruturção das famílias ocupava lugar central em todo o processo. Neste contexto, as indigentes e famintas crianças com que contactava representavam uma espécie de

«fim da linha» e eram seguramente as maiores e as mais inocentes das vítimas.

A percepção desta realidade causava-lhe sem dúvida muita angústia, mas animou-o a desenvolver um projeto de ação específico, que culminou na criação da Obra da Rua (1940) e das Casas do Gaiato. Havia que responder com celeridade ao doloroso problema social que representavam as crianças marginalizadas, tanto mais que as soluções existentes, do Estado ou da Igreja, públicas ou privadas, como os reformatórios, as tutorias, os orfanatos e os asilos, ficavam muito aquém do que era desejável e necessário, e podiam mesmo ser prejudiciais na formação dos jovens. Como muito bem observou Ernesto Candeias Martins,

«o resultado desses contactos na “rua” com os oprimidos ou os “*estrangeiros na sua pátria*”, para quem a pobreza (absoluta) e a exclusão social tinha rosto e nome, provoca-lhe uma ânsia de labor socioeducativo e assistencial. A intenção era salvar alguns dos “rapazes da rua”, alimentando-os e proporcionando-lhes um lugar com boas condições educativas, morais e ambientais e, ainda, dando-lhes carinho» (Martins 2005, p. 116).

Muito animado com a experiência desenvolvida nas colónias de férias e plenamente convicto da total recuperação moral e física dos pequenos excluídos quando acompanhados e integrados em ambientes propícios, Padre Américo conseguiu inaugurar a primeira Casa do Gaiato em Miranda do Corvo, no dia 7 de janeiro de 1940. Fundada com três rapazes, atingiria, no final desse mesmo ano, 42. Procurava, deste modo, criar uma instituição que permitisse abrigar em permanência, assistir e educar as crianças abandonadas e vadias, reconstruindo, tanto quanto possível, o ambiente familiar de que haviam sido privadas.

Com base neste pressuposto simples, mas muito exigente, o «recoveiro dos pobres» em que se transformara começou a resgatar da sociedade viciada que o rodeava os seus membros mais frágeis, tratando de os recuperar e formar para, em seguida, reintegrarem o mundo como homens livres e cidadãos úteis:



«Eu quero que o gaiato a meu cuidado se habitue a esta coisa simples e grandiosa – fazer a sua obrigação; e que, desde pequenino, comece a obrigar-se a ela. Custa muito à criança, sim, obrigar-se a pequenas tarefas; educar é justamente contrariar, modificar a vontade do educando. Custa muito, sim; mais custa ao que tem de obrigar – mas ele há alguma coisa de grande no mundo que se faça sem dor?» (Américo 1990, p. 151).


Os múltiplos apoios que recebeu e os testemunhos que, não demorou muito, começaram a surgir, provavam a validade da pedagogia e do modelo educativo que desenvolvera, permitindo-lhe levantar uma segunda Casa do Gaiato, em maio de 1943, erguida sobre as ruínas do velho mosteiro de S. Salvador de Paço de Sousa, próximo de Penafiel, que integrara outrora a extinta Congregação de S. Bento de Portugal. A partir daqui verificar-se-á a grande expansão da Obra, com a abertura de novas casas em Portugal e,

já depois da morte do fundador, nas então províncias ultramarinas de Angola e Moçambique. Padre Américo lançaria ainda dois outros grandes empreendimentos, em tudo complementares das Casas do Gaiato, o Património dos Pobres (1951) que, sob o lema «cada freguesia cuide dos seus Pobres», visava o apoio à construção de habitações dignas para os mais desfavorecidos, e o Calvário (1954)², instalado na Quinta da Torre, em Beire, no concelho de Paredes, vocacionado para acolher doentes pobres, deficientes, incuráveis e abandonados, e verdadeiro corolário e síntese de todo o seu pensamento e labor assistencial e educativo. Graças a um extraordinário sonho evangélico e a uma ação persistente, Padre Américo revelara-se capaz de sensibilizar e mobilizar a vontade de muitos sacerdotes e leigos e edificar uma obra singular, sem paralelo no Portugal do século XX.

A morte veio ao seu encontro no dia 16 de julho de 1956. Nos derradeiros anos de vida, entrevendo o fim próximo, não escondia as saudades que teria do seu legado, não fora a alegria que sentia por partir em breve para junto de Deus. A este propósito escreveu, num misto de confissão e fina ironia, que testemunha muito da sua personalidade sensível e bem humorada, o seguinte:

«Eu hei-de deixar-te tudo isto! Que pena! Se não fosse o grande desejo que tenho de morrer, havia de chorar de pena por essas avenidas abaixo, morto no meu caixão. Naquele dia, isto aqui está tudo cheio. Eu gostaria de estar ali num canto a ver e a ouvir: Ele isto. Ele aquilo. O Santo. Morreu o Santo!» (Elias 1958, p. 420)

A santidade que procurou como modelo de vida traduziu-se em pedagogia social que, sob muitos aspetos, preludiou vários dos princípios da dou-

trina social da Igreja sedimentados no II Concílio do Vaticano (1962-1965), e também do próprio modelo de Estado Social que a moderna sociedade ocidental implementou. Muito cedo deixara que o seu coração fosse tomado pelo Amor de Deus, e nessa fonte, continuamente fecunda, encontrou alívio permanente para a sua sede. Até ao fim sentiu-se impelido a trabalhar e a evangelizar, não duvidando, como dizia o Santo Bispo de Hipona, que os crentes «fortificam-se acreditando»³. Assim fez como sabia, amando sempre. 

Bibliografia

AMÉRICO, (Padre) – *Doutrina*. Vol. 1. 2ª Edição. Paço de Sousa: Editorial da Casa do Gaiato, 1974.

AMÉRICO, (Padre) – *Pão dos Pobres*. Vol. 1. 5ª Edição. Paço de Sousa: Editorial da Casa do Gaiato, 1986.

AMÉRICO, (Padre) – *Pão dos Pobres*. Vol. 2. 5ª Edição. Paço de Sousa: Editorial da Casa do Gaiato, 1990.

BENTO XVI – *Carta Apostólica Porta Fidei*, 2011.

COLOM CAÑELLAS, Antoni J. – Preâmbulo. In MARTINS, Ernesto Candeias – *O Projecto Educativo do Padre Américo: o Ambiente na Educação do Rapaz*. Lisboa: Temas e Debates, 2004.

ELIAS, (Padre) – *O Pai Américo era assim*. Coimbra, 1958.

LOUREIRO, João Evangelista – *L'Obra da Rua et l'éducation des enfants privés de milieu éducatif*. Lisboa: Instituto Nacional de Investigação Científica, 1979.

MARTINS, Ernesto Candeias – *Padre Américo: o Destino de uma Vida (Biografia, obra e acção social)*. 2ª Edição. Coimbra/Castelo Branco: Alma Azul, 2005.

MENDES, Manuel António dos Santos Carvalho – *Esboço de Cronologia da Vida do Padre Américo*. Paço de Sousa: Obra da Rua, 1995.

2. O Calvário apenas foi formalmente inaugurado no dia 16 de julho de 1957, no momento em que se cumpria um ano sobre o passamento de Padre Américo. Desde o início a sua direção foi confiada ao Padre Baptista.

3. Citação de Santo Agostinho recolhida na Carta Apostólica de BENTO XVI – *Porta Fidei*, 2011, n.º 7.